

Harlan Coben

Mais de 50 milhões de livros vendidos em todo o mundo

Desaparecido para sempre

*No fim, a mais desagradável das verdades
é preferível à mais bela mentira*



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

**Para Anne,
minha vida,
de todo o coração**

1

TRÊS DIAS ANTES DE MORRER, minha mãe me disse – não foram bem suas últimas palavras, mas quase – que meu irmão ainda estava vivo.

Isso foi tudo o que ela declarou. Não entrou em detalhes. Falou apenas uma vez. Ela não estava muito bem. A morfina já tinha dado a cartada final e enfraquecia seu coração. Sua pele tinha aquela tonalidade entre icterícia e fim de um bronzeado de verão. Seus olhos estavam fundos, incrustados na ossatura. Ela dormia a maior parte do tempo. Na verdade, teria ainda mais um momento de lucidez – se é que foi mesmo um momento de lucidez, do que eu duvido muito – e me daria a oportunidade de dizer que ela era uma mãe maravilhosa, que eu a amava muito, e de me despedir. Não dissemos mais nenhuma palavra sobre meu irmão. Isso não significa que não pensássemos nele como se ele também estivesse ali, sentado à beira da cama.

– Ele está vivo.

Essas foram exatamente suas palavras. E, se fossem verdade, eu não sabia se isso era bom ou ruim.



Enterramos minha mãe quatro dias depois.

Quando voltamos para casa a fim de começar os sete dias de luto da tradição judaica, meu pai irrompeu na sala de visitas meio mal-arrumada. Estava vermelho de raiva. Minha irmã, Melissa, tinha vindo de Seattle com o marido, Ralph. Tia Selma e tio Murray andavam de um lado para outro. Sheila, minha cara-metade, estava sentada ao meu lado e segurava minha mão. Éramos praticamente só nós.

Havia apenas um arranjo de flores, de tamanho descomunal. Sheila sorriu e apertou minha mão quando viu o cartão. Nenhuma palavra, nenhum recado, apenas um desenho:



Meu pai continuava a olhar pela janela – a mesma janela na qual haviam atirado com uma espingarda de chumbinho duas vezes nos últimos 11 anos – e resmungou baixinho:

– Filhos da mãe.

Ele se virou e lembrou-se de alguém que não tinha aparecido.

– Pelo amor de Deus, era de esperar que os Bergman fizessem, pelo menos, a droga de uma visita.

Ele fechou os olhos e dirigiu-se para o outro lado. A raiva o consumia novamente, misturando-se à dor e transformando-se em algo que eu não tinha forças para encarar.

Mais uma traição em uma década cheia delas.

Eu precisava de ar.

Levantei-me. Sheila olhou para mim, preocupada.

– Vou dar uma volta – anunciei baixinho.

– Quer companhia?

– Acho que não.

Sheila assentiu. Estávamos juntos havia quase um ano. Eu nunca tivera uma companheira tão em sintonia com as minhas estranhas vibrações. Ela apertou minha mão novamente e seu amor me aqueceu por dentro.

Em frente à porta, o capacho áspero de grama artificial, que parecia roubada de um campo de golfe, tinha uma margarida de plástico no canto superior esquerdo. Saí sem pisar nele e comecei a subir a Downing Place. A rua era ladeada por fileiras de casas de dois andares num estilo típico dos anos 1960. Eu vestia um terno cinza-escuro que me pinicava. O sol implacável batia em minha pele, e uma parte cruel de mim pensou que era um dia perfeito para apodrecer. Uma imagem do sorriso da minha mãe, que iluminava o mundo – um daqueles que ela costumava dar antes de tudo acontecer –, passou rapidamente diante dos meus olhos. Afugentei-a.

Sabia para onde estava indo, embora eu duvide que teria admitido isso para mim mesmo. Sentia-me atraído para lá, levado por alguma força invisível. Certas pessoas chamariam isso de masoquismo. Outras talvez achassem que tinha alguma coisa a ver com uma necessidade de virar a página. Pensei que, provavelmente, não era nem uma coisa nem outra. Só queria ver novamente o lugar onde tudo terminara.

As visões e os sons do verão do subúrbio me agrediam. Crianças barulhentas passavam em suas bicicletas. O Sr. Cirino, dono da concessionária Ford/Mercury na Rodovia 10, aparava o gramado. Os Stein – que haviam construído uma rede de lojas de eletrodomésticos, mas depois foram engolidos por uma maior – passeavam de mãos dadas. Na casa dos Levine acontecia uma partida de futebol americano, mas eu não conhecia nenhum dos participantes. Fumaça de churrasco subia do quintal dos Kaufman.

Passei pela velha casa dos Glassman. Mark Glassman, “O Idiota”, quebrara os

vidros das portas de correr ao se lançar de encontro a elas quando tinha 6 anos. Estava brincando de Super-Homem. Lembro-me da gritaria e do sangue. Precisou levar 40 pontos. Mark cresceu e se tornou uma espécie de multimilionário gerenciando empréstimos para empresas emergentes. Acho que não o chamam mais de “O Idiota”, mas nunca se sabe.

A casa dos Mariano, com aquela horrível pintura amarelo-catarro e um veado de plástico na entrada, ficava na esquina. Angela Mariano, a garota mais cobiçada da vizinhança, era dois anos mais velha que nós e parecia pertencer a alguma espécie superior, que causava suspiros. Foi vendo-a pegar sol com um tomara que caia que desafiava a lei da gravidade que senti pela primeira vez a ação de meus hormônios. Angela costumava brigar com os pais e ir fumar escondida num quartinho nos fundos da sua casa. O namorado tinha uma motocicleta. No ano passado eu a vi na Madison Avenue, em Nova York. Imaginara que estaria com uma aparência péssima – é o que sempre ouvimos que acontece com nosso primeiro amor adolescente –, mas ela estava ótima e parecia muito feliz.

Um irrigador girava lentamente no gramado em frente à casa de Eric Frankel, no número 23 da Downing Place. Quando estávamos no 7º ano, Eric comemorou seu bar mitzvah com uma festa temática de viagem espacial no Chanticleer, em Short Hills. O teto foi todo decorado como um planetário, transformando-se num céu escuro pontilhado de constelações. Meu convite indicava que eu deveria me sentar à mesa Apolo 14. Havia uma peça decorativa no centro da mesa, um pomposo foguete acoplado a uma plataforma de lançamentos. Os garçons vestiam trajes espaciais, representando os astronautas do Mercury 7. “John Glenn” nos serviu. Cindi Shapiro e eu nos esgueiramos para dentro da capela e ficamos nos agarrando por mais de uma hora. Eu não sabia o que estava fazendo. Cindi sabia. Lembro-me de que achei incrível o jeito como a língua dela me acariciava e me fazia estremecer inesperadamente. Mas lembro também que, depois de uns 20 minutos, meu encantamento inicial deu lugar a um confuso “e agora?”, seguido de um ingênuo “então é só isto?”.

Quando Cindi e eu retornamos furtivamente para a mesa Apolo 14, totalmente amarrotados e na melhor forma pós-sacanagem (a orquestra do Herbie Zane encantava o pessoal com “Fly Me to the Moon”), meu irmão, Ken, me puxou para o lado e exigiu que eu lhe contasse todos os detalhes. Eu, é claro, contei tudo, muito feliz. Ele me presenteou com um baita sorriso e uns tapinhas nas costas. Naquela noite, deitados em nossos beliches, Ken na cama de cima e eu na de baixo, enquanto o estéreo tocava “Don’t Fear the Reaper” com os Blue Oyster Cult (a banda favorita de Ken), meu irmão mais velho me explicou os

fatos da vida sob a perspectiva de um garoto do primeiro ano do ensino médio. Mais tarde descobri que ele estava errado na maior parte das coisas (como seu destaque um tanto exagerado aos seios), mas, quando me recordo daquela noite, sempre sorrio.

Ele está vivo...

Balancei a cabeça e entrei à direita na Coddington Terrace, junto à antiga casa dos Holder. Era o mesmo trajeto que Ken e eu costumávamos fazer para chegar à Escola Burnet Hill. Havia um caminho pavimentado entre duas casas que encurtava a distância. Perguntei-me se ainda existia. Minha mãe – todos, mesmo as crianças, a chamavam de Sunny – costumava nos seguir sorrateiramente até a escola. Ken e eu revirávamos os olhos quando ela se escondia atrás das árvores. Sorri ao recordar como fora superprotetora. Naquele tempo isso me deixava envergonhado, mas Ken apenas dava de ombros. Meu irmão era autoconfiante o suficiente para deixar para lá, mas eu não.

Senti um aperto no coração e segui em frente.

Talvez fosse apenas minha imaginação, mas as pessoas começavam a me olhar. As bicicletas, as bolas de basquete, os irrigadores e os aparadores de grama, os gritos dos jogadores de futebol – tudo parecia silenciar à minha passagem. Algumas pessoas me encaravam por pura curiosidade, já que um homem desconhecido caminhando de terno cinza-escuro numa noite de verão era algo incomum. Mas, ao que parecia, a maioria delas me olhava horrorizada porque me reconhecia e não acreditava que eu pudesse estar caminhando naquele solo sagrado.

Aproximei-me sem hesitação do número 97 da Coddington Terrace. Minha gravata estava frouxa. Enterrei as mãos nos bolsos. Caminhei até o lugar onde o meio-fio encontrava a calçada. Por que eu estava ali? Vi um movimento na cortina. O rosto da Sra. Miller apareceu na janela, magro e fantasmagórico. Ela arregalou os olhos para mim. Não me mexi nem desviei o olhar. Os olhos dela continuaram arregalados por algum tempo – aí, para minha surpresa, seu rosto se suavizou. Era como se nosso sofrimento em comum tivesse gerado algum tipo de ligação. A Sra. Miller me cumprimentou com um movimento de cabeça. Retribuí o cumprimento e senti as lágrimas me encherem os olhos.



Talvez você tenha visto a notícia no *20/20*, no *Prime Time Live* ou em alguma outra porcaria de programa de televisão equivalente. Para os que não viram, aqui vai o relatório oficial: no dia 17 de outubro, 11 anos atrás, na cidade de Livingston, no estado de Nova Jersey, meu irmão, Ken Klein, então com 24 anos, estuprou e estrangulou brutalmente nossa vizinha Julie Miller.

No porão da casa dela. No número 97 da Coddington Terrace.

Foi onde o corpo foi encontrado. As provas não indicaram de maneira conclusiva se ela havia sido realmente assassinada naquele porão mal-acabado ou se fora jogada lá depois de morta, atrás de um sofá estampado de zebra e todo manchado pela umidade. A maioria acredita na primeira hipótese. Meu irmão fugiu para algum lugar desconhecido – isso, mais uma vez, segundo o relatório oficial.

Nos últimos 11 anos, Ken vem conseguindo se esquivar de um cerco policial internacional, embora tenha sido “visto” algumas vezes.

A primeira foi mais ou menos um ano depois do assassinato, quando foi supostamente avistado num pequeno vilarejo de pescadores no norte da Suécia. A Interpol se envolveu, mas de alguma forma meu irmão conseguiu escapar. Supõe-se que ele tenha sido alertado. Não posso imaginar por quem nem como.

Quatro anos depois ele foi localizado novamente, em Barcelona. Nas palavras do jornal, Ken havia alugado “uma propriedade com vista para o Atlântico” (Barcelona fica na costa do Mediterrâneo) com – citando ainda o jornal – “uma linda mulher de cabelos escuros, possivelmente uma dançarina de flamenco”. Por mais incrível que pareça, um morador de Livingston que estava de férias no local declarou ter visto Ken e sua namorada espanhola jantando à beira-mar. Ele declarou que meu irmão estava bronzeado e em excelente forma física e que usava uma camisa branca com o colarinho aberto e mocassins, sem meias. O morador de Livingston, um tal de Rick Horowitz, tinha sido meu colega de turma no 4º ano, quando estudávamos com o Sr. Hunt. Durante meses, Rick nos divertiu comendo larvas na hora do recreio.

Em Barcelona, Ken escapuliu mais uma vez por entre os dedos da lei.

Na última vez em que meu irmão foi supostamente localizado, esquiava nos Alpes franceses, numa área destinada a esquiadores experientes (é interessante salientar que Ken jamais havia esquiado antes do crime). A história não deu em nada, a não ser num comentário no programa *48 Hours*. Ao longo dos anos, meu irmão acabou ganhando o status de fugitivo notório, seu nome ressurgindo sempre que qualquer boato vinha à tona ou, o que era mais provável, quando faltavam notícias novas nos programas que exploram os casos de polícia.

Eu, evidentemente, detestava esse tipo de cobertura sensacionalista sobre “jovens ricos que entraram para o crime”. Suas “reportagens especiais” (pelo menos uma vez eu gostaria de vê-los chamá-las de “reportagens normais”, levando em conta que todos já cobriram essa história) eram sempre ilustradas com a mesma fotografia de Ken trajando seu uniforme branco de tênis – ele chegou a participar de algumas competições nacionais –, com ar muito pomposo.

Não posso imaginar onde a conseguiram. Na foto, Ken ostenta uma beleza daquelas que fazem as pessoas morrerem de inveja logo de cara: confiante, os cabelos à la Kennedy, o bronzado realçado pela roupa branca, o sorriso exibindo os dentes brancos. O Ken da foto parecia uma dessas pessoas privilegiadas (o que ele não era nem um pouco) que passeiam pela vida à custa do próprio charme (o que até certo ponto era verdade), donas de uma polpuda conta de investimento (que ele não tinha).

Cheguei a participar de um daqueles programas de entrevistas. Um produtor entrou em contato comigo – isso foi logo depois do crime – e alegou que queria apresentar “os dois lados da história”. Já havia muita gente querendo linchar meu irmão, observou ele. O que eles realmente precisavam agora para “equilibrar o debate” era de alguém que descrevesse o “verdadeiro Ken” para o público.

E eu caí direitinho.

Uma âncora loura de cabelos meio desbotados e postura simpática me entrevistou por mais de uma hora. Na verdade, eu gostei do processo. Foi terapêutico. Ela me agradeceu, me acompanhou até a saída, mas, quando o episódio foi ao ar, a emissora utilizou apenas um pequeno fragmento da entrevista, cortando a pergunta dela – “Mas, com certeza, você não vai nos dizer que seu irmão era perfeito, vai? Não está tentando nos vender a imagem de que ele era um santo, certo?” – e editando minha resposta, de modo que apareci num close tão próximo que dava para ver os poros do meu nariz, com uma música dramática ao fundo, dizendo: “O Ken não era nenhum santo, Diane.”

E aquele acabou sendo o relato oficial do que havia acontecido.

Nunca acreditei. Não estou dizendo que não fosse possível. Mas sempre achei muito mais provável que meu irmão estivesse morto – que estivesse morto todo esse tempo.

Para falar a verdade, minha mãe sempre acreditou que Ken estivesse morto. Acreditava firmemente nisso. Sem reservas. Seu filho não era um assassino. Seu filho era uma vítima.

Ele está vivo... Ele não é culpado.

A porta da frente da casa dos Miller se abriu. O Sr. Miller saiu, ajustou os óculos no nariz, colocou os punhos fechados sobre os quadris numa lamentável postura de Super-Homem e disse:

– Suma já daqui, Will.

Então me afastei.



O próximo grande susto aconteceu uma hora depois.

Sheila e eu estávamos no quarto de meus pais, no andar de cima. A mesma mobília, de um cinza desbotado com um arremate azul, havia adornado aquele quarto desde quando posso me lembrar. Sentamos na cama king size com colchão de molas já gastas. Os pertences mais pessoais de minha mãe – as coisas que ela conservava nas gavetas entupidas da mesinha de cabeceira – estavam espalhados sobre a colcha. Meu pai ainda estava lá embaixo, junto à janela, olhando desafiadoramente para fora.

Não sei por que queria remexer nas coisas que minha mãe achava suficientemente valiosas para guardar e conservar perto dela. Aquilo iria me machucar, eu sabia. Há uma ligação interessante entre a dor autoinfligida e o consolo, uma espécie de desejo de brincar com fogo relacionado ao sofrimento. Acho que eu precisava fazer aquilo.

Olhei para o lindo rosto de Sheila – ligeiramente virado para a esquerda, os olhos voltados para baixo – e senti meu coração se elevar. Isto vai soar um pouco estranho, mas eu poderia ficar olhando para ela durante horas. Não era só a sua beleza – a qual não se podia chamar de clássica, já que seus traços eram um pouco assimétricos, talvez por motivos genéticos ou, mais provavelmente, por causa de seu passado obscuro –, havia algo de vibrante nela, uma curiosidade, mas também uma delicadeza, como se um simples golpe pudesse despedaçá-la. Sheila me fazia querer – sejam pacientes comigo – ser corajoso por ela.

Sem erguer os olhos, ela deu um meio sorriso e disse:

– Pare com isso.

– Não estou fazendo nada.

Finalmente levantou a cabeça e viu a expressão no meu rosto.

– O quê? – perguntou.

Dei de ombros.

– Você é meu mundo – respondi, simplesmente.

– Você também não é pouca coisa.

– É. É verdade.

Ela fingiu me dar um tapa.

– Eu te amo. Você sabe disso, não é?

– Como poderia não amar?

Ela virou os olhos. Então seu olhar se fixou novamente na cama da minha mãe. Sua expressão se suavizou.

– No que está pensando? – perguntei.

– Em sua mãe. – Sheila sorriu. – Eu gostava muito dela.

– Quería tanto que você a tivesse conhecido antes.

– Eu também.

Começamos a examinar os recortes amarelados. Comunicações de nascimento – dos três filhos: Melissa, Ken e eu. Artigos sobre as proezas de Ken no tênis. Seus troféus – aqueles homenzinhos de bronze rebatendo a bola de tênis – ainda enchiam seu antigo quarto. Havia fotografias, a maioria antigas, de antes do assassinato. Sunny. Esse tinha sido o apelido de minha mãe desde menina. Combinava com ela. Encontrei um retrato de quando ela era presidente da Associação de Pais e Professores. Não sei o que estava fazendo, mas estava num palco usando um chapéu ridículo enquanto todas as outras mães riam. Havia outra foto dela participando de uma festa escolar. Mamãe vestia uma roupa de palhaço. Sunny era o adulto preferido dos meus amigos. Eles gostavam quando era a vez dela de dirigir no rodízio de caronas. Queriam que o piquenique da turma fosse sempre lá em casa. Sunny era zelosa sem ser chata, um tanto maluquinha, talvez, de maneira que nunca se podia prever o que ela faria. Havia sempre uma efervescência, uma agitação ao redor de minha mãe.

Ficamos lá por mais de duas horas. Sheila olhou pensativa, sem pressa, para cada fotografia. Depois de olhar por um bom tempo para uma delas em particular, ela apertou os olhos:

– Quem é esse aqui?

Sheila estendeu a fotografia para mim. À esquerda estava minha mãe usando um biquíni amarelo quase obsceno – eu diria que a foto fora tirada por volta de 1972 –, com um corpo escultural. Ela estava abraçada a um homem baixo de bigode escuro que exibía um sorriso satisfeito.

– É o rei Hussein – respondi.

– Quem?

Eu confirmei com a cabeça.

– O rei da Jordânia?

– Sim. Minha mãe e meu pai o encontraram no Hotel Fontainebleau, em Miami.

– Sério?

– Mamãe perguntou se ele se importaria de tirar um retrato.

– Está brincando!

– A prova está aí.

– Ele não tinha seguranças ou coisa parecida?

– Acho que ela não parecia estar armada.

Sheila riu. Lembrei-me de minha mãe contando o incidente. Ela posando com o rei Hussein, a máquina fotográfica do papai não funcionando, ele pra-

guejando entre os dentes, suas tentativas de consertá-la, ela sinalizando com os olhos para ele se apressar, o rei ali, de pé, esperando pacientemente, seu chefe de segurança examinando a câmera, descobrindo o defeito, consertando-a, entregando-a de volta ao meu pai.

Minha mãe, Sunny.

– Ela era tão bonita! – comentou Sheila.

Seria um clichê terrível dizer que parte dela morreu quando o corpo de Julie Miller foi encontrado, mas acontece que os clichês quase sempre são verdadeiros. A exuberância de minha mãe se aquietou, sufocada. Depois do interrogatório sobre o crime, ela não chegou a ter um ataque de nervos nem chorou histericamente. Muitas vezes, desejei que o tivesse feito. A energia vibrante de minha mãe se tornou terrivelmente estável. Tudo nela ficou nivelado, monótono – sem mais arroubos de entusiasmo, seria a melhor maneira de descrever –, o que, numa pessoa como ela, era mais aflitivo de presenciar do que a mais ridícula das palhaçadas.

A campanha tocou. Olhei pela janela do quarto e vi o carro de entregas da delicatessen Eppes-Essen. Sanduíches para os que viessem prestar condolências. Papai, otimista, havia encomendado uma grande quantidade. Ele insistia em enganar a si mesmo até o fim. Permanecera na casa como o capitão do *Titanic*. Lembro-me da primeira vez em que a janela foi estilhaçada por uma espingarda de chumbinho, não muito tempo depois do crime – a maneira como ele ergueu o punho cerrado numa atitude de desafio. Mamãe, acho, queria se mudar. Papai, não. Mudar-se seria ceder, ele achava. Mudar-se seria admitir a culpa do filho. Mudar-se seria uma traição. Que tolíce.

Sheila olhava para mim. Seu calor era quase palpável, como raios de sol no meu rosto, e por um momento apenas deixei-me banhar neles. Tínhamos nos conhecido no trabalho, havia cerca de um ano. Sou diretor da Covenant House, que fica na Rua 41, em Nova York. É uma fundação beneficente que ajuda menores que fugiram de casa a sobreviver nas ruas. Sheila tinha começado a trabalhar como voluntária. Era de uma cidadezinha em Idaho, apesar de já haver perdido em grande parte os trejeitos de garota de cidade pequena. Ela me disse que, muitos anos antes, também fugira de casa. Foi tudo o que me revelou do seu passado.

– Eu te amo – declarei.

– Como poderia não amar? – retrucou ela.

Não revirei os olhos. Sheila tinha sido bondosa com minha mãe perto do fim. Ela tomava o ônibus da Community Line no Port Authority, na Northfield Avenue, e ia a pé até o Centro Médico St. Barnabas. Antes de adoecer, a última

vez que minha mãe se internara no St. Barnabas tinha sido quando me deu à luz. Talvez isso tivesse alguma ferina relação com o ciclo da vida, mas não pude percebê-la na época.

Contudo, tinha visto Sheila ao lado de minha mãe. E fiquei pensando. Aí, arrisquei.

– Devia telefonar para os seus pais – sussurrei.

Sheila me olhou como se eu a tivesse esbofeteado. Ela deslizou para fora da cama.

– Sheila?

– Agora não, Will.

Peguei um porta-retrato com a fotografia de meus pais, bronzeados, nas férias.

– Parece um momento tão bom quanto qualquer outro.

– Você não sabe nada a respeito dos meus pais.

– Gostaria de saber – falei.

Ela me deu as costas.

– Você já trabalhou com adolescentes que fugiram de casa – respondeu.

– E daí?

– Você sabe muito bem como pode ser ruim.

E eu sabia. Visualizei seus traços ligeiramente descentralizados – o nariz dela, por exemplo, com aquele calombo suspeito – e fiquei pensando.

– Também sei que pode ser ainda pior quando não falamos a respeito.

– Já falei sobre isso, Will.

– Não comigo.

– Você não é meu terapeuta.

– Sou o homem que você ama.

– É.

Ela se virou para mim.

– Mas agora não, está bem? Por favor.

Eu não tinha o que responder, e talvez ela estivesse certa. Meus dedos brincavam distraidamente com a moldura. E foi aí que aconteceu.

A fotografia na moldura escorregou um pouquinho.

Olhei. Outra fotografia começou a aparecer embaixo. Puxei mais um pouco a que estava em cima. A mão de alguém apareceu na foto de baixo. Tentei puxá-la um pouco mais, mas não se mexia. Meus dedos acharam as presilhas atrás da armação. Abri-as e deixei a parte de trás da moldura rolar sobre a cama. Duas fotografias caíram.

Uma delas – a de cima – era de meus pais em um cruzeiro, parecendo muito felizes, saudáveis e relaxados, de um jeito que eu jamais me lembrava de tê-los

visto antes. Mas foi a segunda fotografia, a que estava escondida, que me chamou a atenção.

A data marcada em vermelho, no rodapé, era de menos de dois anos antes. A foto havia sido tirada em um campo, ou numa montanha, ou algo parecido. Não vi nenhuma casa ao fundo, apenas montanhas com os cumes cobertos de neve, como uma cena tirada do começo de *A noviça rebelde*. O homem na foto usava short e óculos de sol, tinha uma mochila nas costas e botas já gastas. O sorriso era familiar. Assim como o rosto, apesar de parecer mais marcado de rugas agora. Seu cabelo era longo. A barba tinha um toque grisalho. Mas não havia dúvida.

O homem na fotografia era meu irmão, Ken.

2

MEU PAI ESTAVA SOZINHO no quintal. A noite havia caído. Ele estava sentado, completamente imóvel, olhando para a escuridão. Quando me aproximei por trás dele, uma lembrança desagradável me sacudiu.

Uns quatro meses depois do assassinato de Julie, encontrei meu pai no porão com as costas voltadas para mim, exatamente como agora. Ele pensara que a casa estivesse vazia. Aninhada em sua mão direita estava uma pistola Ruger calibre 22. Ele a acariciava ternamente, como se fosse um pequeno animal, e nunca senti tanto medo em toda a minha vida. Fiquei paralisado, congelado. Ele continuou com os olhos no revólver. Depois de alguns longos minutos, voltei depressa, na ponta dos pés, até o alto da escada e fingi que havia acabado de entrar. Depois de me arrastar escada abaixo, a arma tinha sumido.

Não saí do lado dele por uma semana.

Esgueirei-me pela porta de correr de vidro.

– Oi – cumprimentei-o.

Ele se voltou para mim, o rosto se abrindo num largo sorriso. Ele sempre tinha um sorriso para mim.

– Oi, Will – disse, a voz ríspida se suavizando. Papai sempre ficava feliz em ver os filhos. Antes de tudo isso acontecer, ele era um homem bastante popular. As pessoas gostavam dele. Era amigável, digno de confiança, embora um pouco durão, o que o fazia parecer ainda mais confiável. Mas mesmo que meu pai sorrisse para os outros, não dava a mínima para ninguém. Seu mundo era a família. Ninguém mais importava. O sofrimento de desconhecidos ou mesmo

dos amigos jamais o tocou – era como se ele vivesse totalmente centrado na própria família.

Sentei-me na espreguiçadeira ao lado dele, sem saber como tocar no assunto. Suspirei profundamente algumas vezes e ouvi-o fazer o mesmo. Senti-me incrivelmente seguro. Ele podia estar mais velho e mais fraco, e eu agora podia ser o mais alto e o mais musculoso, mas sabia que, se houvesse algum problema, ele ainda se colocaria à minha frente e levaria um soco por mim.

E eu o deixaria fazer isso.

– Preciso podar aquele galho – anunciou, apontando no escuro.

Eu não conseguia ver o galho.

– É – concordei.

A luz iluminava seu perfil através das portas de vidro. A raiva havia se dissipado e a expressão de derrota se instalara novamente em seu rosto. Às vezes eu achava que ele realmente tentara dar um passo à frente e levar o soco quando Julie morreu, mas tinha sido atirado no chão. Seus olhos ainda guardavam aquela expressão de alguém que fora inesperadamente atingido no estômago e não sabia o porquê, alguém que fora ferido pela própria vida.

– Tudo bem com você?

Era o que ele sempre perguntava.

– Tudo. Quero dizer...

Papai sacudiu a mão.

– É, que pergunta idiota.

Voltamos a ficar calados. Ele acendeu um cigarro. Papai nunca fumava dentro de casa. Por causa da saúde dos filhos e tudo mais. Deu uma tragada e aí, como se tivesse se lembrado de repente, me olhou e apagou o cigarro com o pé.

– Não tem problema – consenti.

– Sua mãe e eu combinamos que eu nunca fumaria em casa.

Não discuti. Entrelacei as mãos e descansei-as no colo. Então, mergulhei no assunto.

– Mamãe me disse uma coisa antes de morrer.

Seus olhos se voltaram em minha direção.

– Disse que Ken ainda estava vivo.

Por um momento, papai enrijeceu o corpo. Logo um sorriso triste aflorou em seu rosto.

– Foram os remédios, Will.

– Foi o que pensei – disse. – Inicialmente.

– E agora?

Olhei para o rosto dele tentando encontrar algum indício de que estivesse escondendo algo de mim. Havia rumores, claro. Ken não era rico. Muitos se perguntavam como meu irmão havia conseguido viver escondido por tanto tempo. Minha resposta era que ele não tinha – ele também morrera naquela noite. Outros, talvez a maioria das pessoas, acreditavam que meus pais, de alguma maneira, mandavam dinheiro para ele às escondidas.

Dei de ombros.

– Fico pensando por que, depois de tantos anos, ela diria isso.

– Foram os remédios – repetiu. – Ela estava morrendo, Will.

A segunda parte da resposta parecia abranger tanta coisa... Deixei aquilo pairar no ar por um instante. Então perguntei:

– O senhor acha que Ken está vivo?

– Não – respondeu ele. E olhou para o outro lado.

– A mamãe disse alguma coisa ao senhor?

– A respeito do seu irmão?

– É.

– Mais ou menos o que disse a você.

– Que ele está vivo?

– É.

– Mais alguma coisa?

Papai deu de ombros.

– Disse que ele não tinha matado Julie. E que ele já deveria estar de volta, mas tinha de fazer uma coisa antes.

– Fazer o quê?

– Ela não estava falando coisa com coisa, Will.

– O senhor perguntou a ela?

– Claro. Mas ela estava divagando. Não podia mais me ouvir. Eu a fiz acalmar-se e disse que ia ficar tudo bem.

Ele olhou para o outro lado de novo. Pensei em lhe mostrar o retrato do Ken, mas mudei de ideia. Queria pensar bem antes de enveredar por aquele caminho.

– Disse a ela que ia ficar tudo bem – repetiu ele.

Através das portas de vidro eu podia ver diversas fotografias em porta-retratos, as imagens desbotadas pelo sol, transformadas num borrão amarelo-esverdeado. Não havia fotos recentes na sala. A casa havia parado no tempo, congelado 11 anos antes, como naquelas histórias em que o relógio de pêndulo para quando o dono morre.

– Já volto – disse papai.

Eu o vi levantar-se e caminhar até achar que não podia mais ser visto. Mas

eu conseguia distinguir seu perfil no escuro. Vi-o baixar a cabeça. Seus ombros começaram a tremer. Creio que nunca vira meu pai chorar antes. Não queria ver agora.

Virei-me para o outro lado e lembrei-me da outra fotografia, a que ainda estava lá em cima, dos meus pais naquele cruzeiro, bronzeados e felizes, e imaginei se ele também estaria se lembrando disso.



Quando acordei tarde naquela noite, Sheila não estava na cama.

Sentei-me e escutei. Nada. Pelo menos, não no apartamento.

Podia ouvir os costumeiros ruídos noturnos da rua, três andares abaixo. Fui até o banheiro. A luz estava apagada. Na verdade, todas as luzes estavam apagadas.

Pensei em chamar por ela, mas havia algo de frágil naquele silêncio, como a proteção de uma bolha. Escorreguei para fora da cama. Meus pés tocaram o carpete que cobria toda a extensão do apartamento, do tipo que se costuma colocar nos prédios para abafar o ruído dos vizinhos de baixo e de cima.

O apartamento não era grande, tinha apenas um quarto. Andei silenciosamente até a sala e espiei. Sheila estava lá. Sentada no peitoril da janela, os olhos voltados para baixo, fitando a rua. Olhei para ela, o pescoço longo, os ombros esguios, o jeito como os cabelos escorriam de encontro à sua pele branca, e novamente estremeci por dentro. Nosso relacionamento ainda estava naquele estágio inicial de arroubo, aquele amor que nos faz sentir como é maravilhoso estarmos vivos, em que jamais nos saciamos um do outro e sentimos aquele delicioso friozinho no estômago ao atravessar o parque correndo para um encontro, um amor que todos sabem, *sabem* mesmo, que logo se transforma em algo mais profundo.

Só havia me apaixonado uma vez antes. E isso já fazia um bocado de tempo.

– Oi – falei.

Ela se virou, mas não muito. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Podia vê-las deslizando à luz da lua. Ela não fez nenhum ruído – nada de choros ou soluços ou peito arfante. Eram apenas lágrimas. Fiquei parado à porta pensando no que devia fazer.

– Sheila?

Em nosso segundo encontro, Sheila fez um truque de mágica com o baralho. Pediu que eu escolhesse duas cartas, as devolvesse ao baralho enquanto ela olhava para o outro lado, e, a seguir, atirou todas as cartas no chão, exceto as duas que eu havia escolhido. Ela abriu um enorme sorriso depois de executar o truque, segurando as duas cartas para que eu as examinasse. Sorri de volta. Era – como direi? – uma brincadeira meio boba. Sheila gostava de coisas assim,

meio bobas. Gostava de fazer truques com cartas, de refresco de cereja e de bandas adolescentes. Cantava ópera, lia vorazmente e chorava quando assistia a comerciais na televisão. Podia fazer uma boa imitação de Homer Simpson e do Sr. Burns, se bem que suas versões de Smithers e Apu fossem mais fracas. Acima de tudo, Sheila gostava de dançar. Adorava fechar os olhos, pôr a cabeça no meu ombro e desaparecer.

– Desculpe, Will – disse sem se virar.

– Desculpar o quê? – perguntei.

Ela manteve os olhos fixos lá fora.

– Volte para a cama. Vou daqui a pouco.

Eu queria ficar, dizer-lhe algumas palavras de consolo. Mas não fiquei. Seria difícil chegar perto dela naquele momento. Alguma coisa a afastara. De qualquer modo, palavras e ações às vezes podiam ser supérfluas. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesmo. Assim, cometi um grande erro. Voltei para a cama e esperei.

Sheila não voltou.

3

Las Vegas, Nevada

MMORTY MEYER ESTAVA DEITADO de costas na cama, em um sono profundo, quando sentiu o cano do revólver em sua testa.

– Acorde – disse uma voz.

Os olhos de Morty se arregalaram. O quarto estava escuro. Ele tentou levantar a cabeça, mas o revólver não deixou. Seus olhos correram para o visor luminoso do radiorelógio na mesinha de cabeceira. Porém não havia nenhum relógio lá. Fazia anos que ele não tinha um, mas só agora se lembrava disso. Não tinha um radiorelógio desde que Leah morrera. Não tinha um desde que vendera a casa colonial de quatro quartos.

– Olha aqui, estou sempre disposto a ajudar – disse Morty. – Vocês sabem disso, cara.

– Levante.

O homem afastou o revólver. Morty ergueu a cabeça. Focando melhor os olhos, pôde distinguir um lenço cobrindo o rosto do homem. Morty se lembrou de um programa de rádio, *O sombra*, de quando era criança.

- O que você quer?
- Preciso da sua ajuda, Morty.
- Eu conheço você?
- Levante.

Morty obedeceu. Girou as pernas para fora da cama. Quando ficou de pé, sua cabeça rodou em sinal de protesto. Perdeu o equilíbrio, encontrando-se de repente naquele ponto em que o zumbido da bebedeira começa a diminuir e a ressaca ganha força como uma tempestade que se aproxima.

- Onde está sua maleta médica? – perguntou o homem.

Uma sensação de alívio correu nas veias de Morty. Então era disso que se tratava. Morty procurou por um ferimento no homem, mas estava escuro.

- É para você?
- Não. Ela está no porão.
- Ela?

Morty enfiou a mão debaixo da cama e puxou sua maleta de médico. Era velha e desgastada. Suas iniciais folheadas a ouro, outrora brilhantes, haviam se apagado. O zíper já não fechava direito. Leah a tinha comprado quando ele se formara na Escola de Medicina da Universidade de Colúmbia, havia mais de 40 anos. Morty trabalhara no hospital de Great Neck nas três décadas seguintes. Ele e Leah haviam criado três filhos. Mas ali estava ele agora, com quase 70 anos, morando numa pocilga de um quarto, devendo dinheiro e favores a meio mundo.

O jogo. Era seu vício. Por anos Morty fora uma espécie de “jogador controlado”, convivendo com seus demônios interiores, mas mantendo-os a uma distância segura. Até que afinal os demônios conseguiram pegá-lo. Eles sempre conseguem. Alguns achavam que Leah havia contribuído para isso. Talvez fosse verdade. Mas, quando ela morreu, não havia mais motivos para lutar. Ele deixou os demônios assumirem o controle e fazerem o estrago.

Morty perdera tudo, até mesmo a licença para exercer a medicina. Mudara-se para aquela espelunca na zona oeste. Passara a jogar praticamente todas as noites. Seus filhos – todos crescidos e com suas famílias – não o procuravam mais. Culpavam-no pela morte da mãe. Diziam que ele fizera Leah envelhecer mais cedo. Talvez tivessem razão.

- Ande logo – ordenou o homem.
- Tudo bem.

Os dois começaram a descer a escada para o porão. Morty podia ver as luzes acesas. Aquele prédio, aquela droga de moradia, tinha sido uma casa funerária. Morty alugava um quarto no andar térreo. Isso lhe permitia usar o porão – onde os corpos costumavam ser guardados e embalsamados.

Num dos cantos, no fundo do porão, havia um escorrega de criança, todo enferrujado, ligando-o ao estacionamento atrás do prédio. Era assim que costumavam levar os corpos para ali – era só estacionar e escorregar. As paredes eram cobertas de azulejos brancos, embora muitos já tivessem caído graças a anos de descaso. Era preciso usar um alicate para abrir as torneiras. Quase todos os armários já estavam sem porta. O fedor da morte ainda pairava por ali, como um velho fantasma se recusando a ir embora.

A mulher ferida estava deitada numa mesa de metal. Morty pôde ver logo que a coisa não estava nada boa. Voltou-se para o Sombra.

– Ajude-a – disse o homem.

Morty não gostou do seu tom de voz. Havia raiva, sim, porém a emoção mais patente era o mais puro desespero. Acima de qualquer outra coisa, sua voz era uma súplica.

– Ela não parece estar nada bem – disse Morty.

O homem pressionou o revólver contra o peito do velho.

– Se ela morrer, você morre.

Morty engoliu em seco. A sentença era mais do que clara. Ele se aproximou da mulher. Ao longo dos anos, havia tratado de muitos homens naquele local – mas aquela seria a primeira mulher. Era assim que Morty conseguia sobreviver mal e porcamente. Os pacientes vinham, eram costurados e se mandavam. Se alguém chegasse a um pronto-socorro ferido à bala ou esfaqueado, o médico de plantão era obrigado, por lei, a preencher um relatório. Para não terem de passar por isso, muitos iam ao hospital improvisado de Morty.

Ele pensou rapidamente na lição de triagem que aprendera na faculdade de medicina. Checou a função respiratória, o pulmão e a circulação. A respiração da mulher era ruidosa, o que indicava a presença de muita secreção.

– Você fez isso com ela?

O homem não respondeu.

Morty fez o melhor que pôde. Um remendo, para ser mais exato. Procure estabilizá-la, disse a si mesmo. Estabilize-a, e então eles caem fora daqui.

Assim que terminou, o homem ergueu cuidadosamente a mulher.

– Se abrir o bico...

– Já recebi ameaças piores.

O homem saiu depressa com a mulher. Morty ficou no porão. Seus nervos estavam em frangalhos por conta do despertar repentino. Suspirou e decidiu voltar para a cama. Mas antes de subir a escada, cometeu um erro imperdoável.

Olhou pela janela dos fundos.

O homem carregou a mulher até o carro. Cuidadosamente, quase com ter-

nura, ele a colocou no banco traseiro. Morty assistia à cena. E então notou um movimento.

Apertou os olhos. E foi aí que estremeceu de alto a baixo.

Havia outro passageiro.

Havia um passageiro no banco de trás do carro. Um passageiro que não devia estar lá.

Automaticamente, Morty fez menção de pegar o telefone, mas antes mesmo de tocar no aparelho, parou. A quem chamaria? O que diria?

Morty fechou os olhos, lutou contra a ideia. Arrastou-se escada acima. Meteu-se de volta na cama e puxou as cobertas. Encarou o teto e tentou esquecer.

4

O BILHETE QUE SHEILA HAVIA DEIXADO era curto e carinhoso:

Te amarei para sempre.

S

Ela não voltou para a cama. Supus que tivesse passado a noite inteira olhando pela janela. Tudo permaneceu quieto até o momento em que a ouvi sair silenciosamente, por volta das cinco da manhã. O horário não era assim tão estranho. Sheila sempre acordava cedo, era do tipo que fazia lembrar um velho comercial do exército sobre como era possível fazer mais antes das nove do que a maioria das pessoas faz o dia inteiro. Sheila é o tipo de pessoa que faz qualquer um parecer indolente e de alguma forma adorá-la por isso.

Uma vez Sheila disse – apenas uma vez – que estava acostumada a levantar cedo porque passara anos trabalhando numa fazenda. Quando a pressionei para me contar mais detalhes, ela se calou rapidamente. Seu passado era como uma linha traçada na areia. Se você decidisse ultrapassá-la, teria de arcar com as consequências.

Seu comportamento me confundia mais do que me preocupava.

Tomei um banho e me vesti. A fotografia de meu irmão estava na gaveta da cômoda. Peguei-a e estudei-a por um bom tempo. Havia uma sensação de vazio em meu peito. Minha cabeça girava e dançava, mas um pensamento se sobrepunha a tudo isso: Ken tinha conseguido escapar.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br